

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V — Número 1.436

Domingo, 29 de Julho de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Caçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 113

Que crime se prepara?

Corre um boato alarmante: os presos serão julgados em S. Julião da Barra e enviados para as colónias! Será verdade? Se é mentira, o governo deve desmenti-lo para prestigiar-se, para que não pese sobre ele tam odiosa suspeita!

O governador civil fez ontem a um jornal da noite declarações absolutamente falsas. Disse ter autorizado as visitas, quando há uns poucos de dias que as famílias se dirigem ao Forte de S. Julião da Barra e lhes vedam o direito de ver os presos. Fez umas contas de saco, pelas quais se depreende que estão apenas 10 presos no referido Forte. Esqueceu-se de que ainda na madrugada de ontem mais de uma dezena foi levada para aquela prisão — fora os que já lá estavam. Afirmou ainda que a C. G. T. não tinha razão em protestar.

Então, quando se manteem indivíduos incomunicáveis, e doentes, durante mais de quinze dias, não o permitindo a Constituição senão durante 48 horas, não existe razão para protestar?

Não há motivo para erguer um protesto energico, quando se assiste à destruição dos princípios mais justos duma Constituição que foi feita por esses que a atraíram agora?

Há homens presos há mais de oito dias sem culpa formada, o que é contrário à Constituição que por aí anda arrastada pela lama das conveniências dos bandidos da Patronal. E não temos razão para protestar?

É baseada nessa razão que a

União dos Sindicatos Operários de Lisboa

convida o operariado de Lisboa a ir hoje, na sua máxima força, à Torre de S. Julião da Barra, visitar os presos, manifestando assim a sua repulsa pelo bárbaro procedimento das autoridades.

A hora da visita é das 12 às 14 horas, embarcando-se no comboio das 10,35 horas.

SEJAMOS SOLIDARIOS COM AS VITIMAS DA REPUBLICA!

O QUE ÉLES QUEREM!

Querem privar o operariado dos elementos que não se curvam ás tiranias revoltantes, para poder roubá-lo e vexá-lo livremente. Mas enganam-se! O proletariado saberá impôr-se!

Abaixo a máscara! Que pretende o governo, afinal, com os presos que está fazendo? Prender bombistas? E para prender os servir-se de informações de bombistas! A polícia da Patronal, chefiada pelo Pinhão que manda lançar bombas, atraíndo as culpas para as costas dos operários, é que informa o governador civil.

É esta uma autoridade da confiança do governo à mercê dos informes — torpe duma quadrilha que tem todo o interesse em perseguir o operariado.

O que se está passando é duma gravidade extrema, é duma injustiça flagrante, duma torpeza revoltante.

As prisões tem sido inspiradas pela Patronal. E o que é a Patronal? Um coito de bandidos, de escrocs de quem o governador civil, não há muito tempo, dizia mal também.

Que pretende o governo com tanta prisão? Sanear? Achar com os bombistas? Não. Porque se é queizasse realmente acabar com os bombistas não permitia que a própria polícia arremessasse petardos para nos comprometer, mandaria, enclausurar o Pinhão e os seus acólitos, meteria na cadeia o próprio presidente do ministério, herói de artilharia civil!

A questão é outra, é muito diversa.

Há homens que estão sempre prontos a defender as causas justas, há operários que não deixam passar sem

Federação das Juventudes Sindicais

NOTA OFICIAL

Na presença dum ataque ao movimento revolucionário, cínica e pacientemente engendrado e ferozmente posto em prática pelos governantes portugueses, de conluio com as forças conservadoras, a Federação das Juventudes Sindicais vê-se obrigada a imediatamente definir uma atitude, pondo em prática os meios de luta, que gradualmente a ferocidade governamental indicar necessários.

Não obstante a discordância com alguns actos ultimamente verificados, mas tendo em conta a intenção hitleriana e o objectivo retintamente revolucionário, dos mesmos, não vacilamos um só momento em afirmar a nossa coerência e a nossa solidariedade com os gestos que tem demarcado o valor revolucionário dos indivíduos e a beleza de intenção das suas ações.

Perante a realidade dos factos que o momento nos apresenta, não podem para nós existir divisões.

Todos, bem entendido, a todos consideramos presos por questões sociais, presos revolucionários, a quem é preciso auxiliar não só moral como materialmente.

Neste momento não se discutem, tendências, sómente se discute que os conservadores reúnem, tendo como chefe o renegado António Maria da Silva, ex-conveniente no fabrico de explosivos, se empenham em atuicular todo o movimento avançado.

A tóda a mocidade sindicalista, a todos os níveis, recomendamos a necessidade de se preparem para a luta a que somos desafiados, empregando para isso todos os meios que sejam necessários para atingir os fins em vista.

Perante um governo que se coloca fora de todos os eis para nos esmagar, só nos resta implicitamente empregar todos os processos para o vencer.

Que mais uma vez, a mocidade revolucionária saiba nobremente marcar a posição que lhe está indicada.

As buscas

Antenem foi passada uma rigorosa busca à casa onde reside o operário manipulador de pão José Teixeira, tendo os três polícias que lá foram encontrado simplesmente cauteis de pavor e outros documentos de igual importância.

Como não estivesse em casa aquele operário, resolvem ficar ali para guarda.

Diz-nos José Teixeira que esteve 15 dias sem trabalho, perseguido pela Moagem (C. I. P. e C.) e há só dois dias que conseguiu empregar-se, mas as autoridades entendem que já ganhou o suficiente para sustentar a campanha e os filhos pelo tempo que o conservem detido, não é preciso guardarem-lhe a casa porque ele apresentar-se há no prazo de 8 dias, tempo este que necessita para ensinar uma venda ao domicílio, que lhe está entregue, a outro seu camarada.

Assim evita cancelas e desperdício de tempo ao governador civil...

Os presos

Ontem foram presos Quirino Fernandes e Francisco da Silva Gomes. Na quarta feira também foi preso Afonso Dias de Albuquerque, que se encontra incomunicável não se sabe onde.

E nunca mais acabam as prisões.

No Governo Civil só se encontra detido, no calabouço n.º 7, o operário ar-senalista Carlos de Araújo, que há 20 dias espera que o governador civil defina a sua situação.

Como se sabe os restantes presos foram transferidos ontem de madrugada para o forte de S. Julião da Barra.

Foram ontem postos em liberdade os operários da construção civil Jerônimo da Costa Mota e Pompeu Cesar dos Santos, que haviam sido presos na sexta-feira em virtude de terem abandonado o trabalho para assistir à sessão de protesto contra as perseguições proletárias.

Sindicato Único Metalúrgico

A comissão administrativa reuniu extraordinariamente em 27, ocupando-se das perseguições de que ultimamente tem sido vítimas camaradas ativos no meio operário, sendo ratificado, mais uma vez, por unanimidade, car todo o apoio ao movimento de solidariedade pró-libertação dos presos, encetado pela U. S. O. a fin de cumprir com as resoluções dêsse organismo em sua reunião de sexta-feira, convida todos os operários metalúrgicos a tomarem hoje parte na manifestação de solidariedade junto dos presos, em S. Julião da Barra.

Resolveu mais a referida comissão, interpretando o sentido da classe e ainda em harmonia com o resolvido pela U. S. O., promover uma sessão de protesto na próxima terça-feira, pelas 20 horas na sede do sindicato.

Aos operários alfaiates

Encontram-se prisioneiros na Torre de S. Julião vários camaradas vítimas do torvo e vêoso olhar da sociedade capitalista, e sem que até hoje lhes apresentassem duma forma concreta o motivo destas prisões, e isto contra o que

O operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

Operariado de Lisboa, manifestando a sua solidariedade para com as vítimas da tirania governamental, deve hoje comparecer no Forte de S. Julião da Barra afim de visitar essas vítimas que ali estão enclausuradas.

A BOA PAZ

A questão internacional

Um Incidente no 1.º Congresso da I. S. V.
Documento que define uma atitude colectiva

Quem tenha lido o manifesto dos 21 e haja dado fé dos ataques preferentes à ação dos anarquistas na organização sindicalista não entrará que dos anarquistas ainda hoje me ocepe. E' que a campanha comunista internacional contra os anarquistas baseada na calúnia e na falsidade tem sido feita por tal forma, que até alguns dos próprios anarquistas, revolucionários de sempre, como alguns dos 21, chegaram a acreditar na infâmia, acreditando em que os anarquistas e sindicalistas russos pensam e agem dum maneira diferente, como se, sendo a ideia universal, universal não fosse o método de ação.

Vou, pois, ocupar-me dum incidente, um incidente típico, havido no primeiro Congresso da I. S. V., afim de ficar bem definida a atitude dos comunistas governamentais russos para com os anarquistas.

Entre as várias prisões de Moscovo há uma designada por Butirka. A 25 de Abril de 1921 os anarquistas que nela se encontravam presos sem motivo, foram atacados pela Tcheka. Apesar dum já larga prisão, sem ajuda, com pouco alimento, eles foram selvaticamente acometidos pelos telúquistas e soldados à coronha e as mulheres arrastadas, pelos cabelos pelo lado e escadas de pedra da prisão. Alguns lutaram ver chegada a sua última hora. Passado uma semana (estavam já presos desde Dezembro de 1920) alguns dos presos foram à força separados e enviados um para a prisão de Orel, a companheira d'para Ruazan e outros para a Taganka, de Moscovo.

Chegados que foram a Moscovo os delegados estrangeiros para os Congressos comunista e sindical, os anarquistas que ainda se conservavam em liberdade fizeram juntos dêles repetidas demarques para que eles, na qualidade de estrangeiros, intervessem junto do governo no sentido de terminar com tais horrores.

Os dias passavam e a situação dos presos era cada vez pior. «O rigor do regime mais severo, a alimentação mais insuficiente e o tratamento mais brutal». Os presos decidiram dirigir-se ao governo lembrando-lhe que a Constituição estabelecia apenas 48 horas para prisão preventiva e eles estavam presos havia meses sem motivo e sem culpa formada; que se o cabo de 5 dias não fossem libertados fariam a greve de fome. Não receberam resposta e a greve declarou-se de 3 para 4 de julho.

Mais demarques junto dos delegados sindicais, realizadas pelos anarquistas em liberdade e um comitê é nomeado de franceses e espanhóis. Este foi junto de Dzerzhinsky, chefe da Tcheka. Receberam os afaivale e pediu uma relação dos presos. Esta é elaborada só com os presos de Moscovo, Petrógrad e um em outro de outras prisões. Só a Tcheka sabe os que tem presos no Sul, no Este e na Sibéria. Ela levada a relação a Dzerzhinsky, que já não recebe o comitê com a mesma afabilidade. Promete que ao cabo de dois dias dirá os que podem ser soltos. Passa uma semana, procurado o chefe da Tcheka, não é encontrado. Por fim, um dia, «hora-se» em receber o comitê. Foi breve e brusco. Só quatro seriam soltos. Eram quatro estudantes que haviam sido presos por lerem a obra de Kropotkin. Os outros não mereceram clemência.

«Ao dia de greve da fome alguns presos não podiam andar, outros não podiam falar; um ficou surdo, outro perdeu o conhecimento, três estavam à morte.»

E' então reconstituido o comitê com dez membros, representando vários países, de sindicalistas-anarquistas e comunistas. Lenin foi então procurado. Muito «ocupado», de princípio negou-se a receber o comitê. Mas por fim recebeu-o, declarando-lhe não lhe interessar os presos; que só seriam soltos se eles consentissem em ser deportados para fora da Rússia. Mas «se voltarem — acrescentou — serão fusilados».

Lenine não recebeu mais o comitê. Trotsky, em mensagem, informa que os presos serão libertados e expulsos com a condição de terminarem a greve da fome.

O undécimo dia terminou esta greve, depois dos presos saberem o resultado das demarques junto do governo. Para regularizar a deportação dos presos, os anarquistas nomearam Schapiro e o governo. Trotsky e Dzerzhinsky. Mas não compareceram. Delegaram respetivamente em Lunatcharsky e Ushchelchik. Segue-se uma trapalhada. Este último, da Tcheka, declara que só 13 serão livres e deportados, contra o expresso na carta de Trotsky; o representante deste também assim o julga, mas declara não poder fazer. O Comitê dos delegados, mesmo assim aceita e uma carta é enviada aos presos, mas na Tcheka não se deixam chegar ao seu destino. O governo criava, assim, dificuldades para que os presos não se vissem livres durante o Congresso da I. S. V. Entretanto Trotsky comunica que tudo vai bem e que podem tratar dos arranjos da partida.

Mas não sucedeu assim, porque só dois meses mais tarde é que os 13 camaradas da prisão de Taganka foram postos em liberdade e deportados, mas com passaporte irregular, pelo que, ao chegar a Stettin, de novo foram presos.

As belezas de humanidade e de justiça dum governo «revolucionário»!

Vamos agora ao incidente. Alguns delegados tentavam tratar a questão das perseguições no Congresso da I. S. V.; mas em face das promessas governamentais resolvem não o fazer para evitar o escândalo. A este espírito de generosidade para com um governo tirânico, não correspondem o mesmo governo. Secretamente preparam esta surpresa: enviar Buckarín ao Congresso, à sessão de encerramento.

Buckarín sobe à tribuna, declara falar como delegado do Comitê Central do Partido Comunista e ir tratar dum ponto que não estava na ordem do dia. Repentinamente atira-se contra o movimento anarquista russo. «Esse movi-

mento é uma coisa na Europa e outra coisa aqui. Propagandismo ali, banditismo aqui. Os anarquistas são assassinos e contra-revolucionários. Procura confundir a ação de Macno com a ação anarquista pretendendo basear-se em estatísticas «oficiais» e conclui dizendo que o movimento anarquista era o fruto dum aglomerado de criminosos.

«A sala estava agitada, quando Buckarín terminou. Convidam-no a discutir, mas o presidente, Losovsky, declarou que o assunto não estava na ordem do dia, mas estava para Buckarín? que não valia a pena gastar mais tempo e que o incidente estava terminado.

Em face desta manobra o tumulto aumentou. Losovsky foi criticado abertamente pela sua parcialidade. Um delegado alemão protesta com violência, os delegados franceses e com elos todos os restantes reclamam que a questão seja debatida para ser repelida a afronta ultrajante e vil de Buckarín.

«A 11ma resolução aprovada em 25 de Agosto de 1918. Diz assim:

1.º Lutamos contra o poder estatal capitalista e aspiramos a unificar os soviéticos autônomos, as uniões das organizações independentes dos camponeses e operários numa forma federativa, para a produção comum.

2.º Recomendamos aos trabalhadores a organização de soviéticos livres e o combate aos conselhos de comissários do povo, porque estas instituições terão uma influência péssima sobre a classe trabalhadora.

3.º Exigimos a dissolução do exército militarizado e o armamento dos camponeses e operários. Ao mesmo tempo é nossa intenção demonstrar que o conflito se liquidou, dispensando assim, neste momento, a solidariedade dos trabalhadores marítimos.

Quanto ao conflito de Sines, provocado pela má vontade dum agente de navegação, o Conselho resolviu

proibir os barcos que a classe trabalhadora teme que a sua pátria é o mundo interno.

4.º Prossigueremos esta luta sem desmais e com todos os meios contra

Buckarín, e uma manobra ignorante que não está familiarizada com a revolução russa.

Jáim os anarquistas consideraram os partidários de Macno como dos seus.

Que a Federação dos Grupos Anarquistas da Ucrânia, se bem que não indispõe

com o movimento de Macno, não o reconhece, contudo, como anarquista, e a resolução da Conferência da Federação Nábat, realizada em Setembro de 1920, era uma prova suficiente.

À respeito do exército revolucionário sob as ordens de Macno, é preciso notar o erro de considerar a sua ação como fazendo parte do movimento anarquista. Apresenta estatísticas, nas quais se destaca a obra destrutiva de Macno, é pobre demagogia.

«Fazer um paralelo entre a actividade de Macno e a dos anarquistas russos, é uma interpretação má e infamante.»

Censura a sinistra diplomacia do Comitê Central, por trazer questão dos anarquistas no final do congresso, com

M. J. de SOUSA

Classes que reclamam

Ferroviários da C. P.

Sobre as suas reclamações de aumento de salário e para apreciar as novas sobretaxas que as empresas ferroviárias acabaram de solicitar com o fim de mesclar e ocorrer aos seus encargos, vão efectuar-se reuniões dos ferroviários da Companhia Portuguesa, em vários pontos da linha, a convite da comissão executiva e comissão de melhoramentos do respectivo Sindicato.

Estas comissões irão distribuir um manifesto a todo o pessoal elucidando os desejos da Companhia e da necessidade dum encontro de todos os encargos para receber o comitê. Mas por fim receber-e, declarando-lhe não lhe interessar os presos; que só seriam soltos se eles consentissem em ser deportados para fora da Rússia. Mas «se voltarem — acrescentou — serão fusilados».

Lenine não recebeu mais o comitê. Trotsky, em mensagem, informa que os presos serão libertados e expulsos com a condição de terminarem a greve da fome.

O undécimo dia terminou esta greve, depois dos presos saberem o resultado das demarques junto do governo.

Para regularizar a deportação dos presos, os anarquistas nomearam Schapiro e o governo. Trotsky e Dzerzhinsky. Mas não compareceram. Delegaram respetivamente em Lunatcharsky e Ushchelchik. Segue-se uma trapalhada. Este último, da Tcheka, declara que só 13 serão livres e deportados, contra o expresso na carta de Trotsky; o representante deste também assim o julga, mas declara não poder fazer.

O Comitê dos delegados, mesmo assim aceita e uma carta é enviada aos presos, mas na Tcheka não se deixam chegar ao seu destino. O governo criava, assim, dificuldades para que os presos não se vissem livres durante o Congresso da I. S. V. Entretanto Trotsky comunica que tudo vai bem e que podem tratar dos arranjos da partida.

Mas não sucedeu assim, porque só dois meses mais tarde é que os 13 camaradas da prisão de Taganka foram postos em liberdade e deportados, mas com passaporte irregular, pelo que, ao chegar a Stettin, de novo foram presos.

As belezas de humanidade e de justiça dum governo «revolucionário»!

Vamos agora ao incidente. Alguns delegados tentavam tratar a questão das perseguições no Congresso da I. S. V.; mas em face das promessas governamentais resolvem não o fazer para evitar o escândalo. A este espírito de generosidade para com um governo tirânico, não correspondem o mesmo governo. Secretamente preparam esta surpresa: enviar Buckarín ao Congresso, à sessão de encerramento.

Buckarín sobe à tribuna, declara falar como delegado do Comitê Central do Partido Comunista e ir tratar dum ponto que não estava na ordem do dia. Repentinamente atira-se contra o movimento anarquista russo. «Esse movi-

ABATLHA

Eden Teatro

Empreza teatral
Campos & Correia, Lda.

Brevemente

Grande atração

Espectáculo de variedades

PREÇOS POPULARES

Geral-Galeria - Promenoir

Escudos 1\$00

Fanteuils de orquestra,
Esc. 7\$00; Fanteuils, 7\$50;

Cadeiras, 3\$00.

Geral numerada

Escudos 1\$50

Todos os impostos

a cargo do público

ESPECTACUL PERMANENTE

Todas as noites

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Federação Marítima. — Reúniu-se o Conselho Federal, tratando entre vários assuntos, dos conflitos dos operários corticeiros e dos marítimos de Sines.

Sobre o primeiro caso, o Conselho tomou conhecimento, pelo delegado da C. G. T. que assistiu à sessão, de que o conflito se liquidou, dispensando-se assim, neste momento, a solidariedade dos trabalhadores marítimos.

3.º — Recomendamos aos trabalhadores a organização de soviéticos livres e o combate aos conselhos de comissários do povo, porque estas instituições terão uma influência péssima sobre a classe trabalhadora.

4.º — Recomendamos aos trabalhadores a organização de soviéticos livres e o combate aos conselhos de comissários do povo, porque estas instituições terão uma influência péssima sobre a classe trabalhadora.

5.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

6.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

7.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

8.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

9.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

10.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

11.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

12.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

13.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

14.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

15.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

16.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

17.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

18.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

19.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

20.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

21.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

22.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

23.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

24.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

25.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

26.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição dos meios de vida e de todas as demais utilidades de ordem de vida.

27.º — Queiramos que as organizações de operários e camponeses tomem nas suas mãos a distribuição

A Indústria de pregaria

Uma carta que muito vem esclarecer
este momento assunto

Recebemos a seguinte carta para a qual chiamamos a atenção dos nossos leitores e em especial dos operários metalúrgicos:

Presado amigo: — Sendo leitor assíduo do vosso jornal, por muito me interessa a maneira como é redigido e orientado, e especialmente porque se bem que industrial em pequena esfera, amigo de todo o meu pessoal, dentro do qual conto, pessoas de família, e ainda porque, o vosso jornal é o único órgão bem orientado do operariado português, sou forçado a bem da verdade, da minha consciência, dos meus interesses, e até dos interesses de todo o operariado pregueiro do país, a vir importuná-lo com a presente carta.

No vosso número 1432 do V.º, de 25 de Julho do corrente, e sob a epígrafe «A Indústria de Pregaria» do jornal que o meu amigo superintendente dirige, há em tóda a sua doutrina uma grande parcela de razão, e não é desabida de fundamento, tendo em atenção os interesses do operariado da indústria pregueira.

É facto, que a perspectiva da desumanidade e desleal concorrência, da fábrica de pregaria em montagem na Penitenciária de Lisboa é motivo muito para ponderar, mas, também é facto, que outra perspectiva, talvez mais assustadora para o operário pregueiro é a situação que a poderosa Companhia Previdente, pretende criar, se conseguir aniquilar, como é seu único desejo, todas as outras concorrentes do país, na fabricação de pregaria. Semão, veja o meu amigo o seguinte:

Há em todo o país, nada menos de 18 fábricas de pregaria em pequena escala, mas que em todo o caso, não empregam menos de 100 operários pregueiros e seus ajudantes, não falam, é claro, em pessoal de clíndros, alocamento, empacotamento, serventes, motoristas, serraleiros, etc, etc.

Sucede, que a dar-se o facto de termos os industriais pequenos, de fechar as suas portas, e consequentemente paralisar a sua laboração, todo este pessoal ficará sem trabalho, e sem condições de poderem de novo começar outra vida, pois que, entre elas há algumas que contam já 60 anos de idade e nada menos de 30 a 40 anos de serviço, como conheço alguns.

Poisto isto, é bem fácil de ver e encara a questão. Ficando a Comp. Prey, única senhora do mercado, qual é a situação do operário pregueiro, dado o caso de ser despedido, não tendo mais fábricas da especialidade, dentro do país, onde empregue a sua actividade e onde possa angariar os meios para seu sustento e da família?

Sabe o meu amigo, como é a Comp. Prey, pretende aniquilar os industriais pequenos? da seguinte forma: Em Fevereiro do corrente ano, tinha a Comp. Prey, uma tabela em que o

prego de secção quadrada, regulava em média a \$310 cts o quilo. Em 26 de Março, dava-se uma nova subida, justificada pelo aumento de preço da matéria prima, e salários, cujo preço ficou em média a \$380 cts cada quilo.

Em 2 de Junho, saia uma nova tabela com uma baixa de 48 por cento, baixa malévole feita, posto que não havia nenhuma razão alguma que o justificasse, pois, que, a vender pregos por tal preço e em face do custo da matéria prima, não faltando na mão de obra, é certo um prejuízo que os industriais pequenos não podem sofrer, nem mesmo o «Colossal Potentado», o poderia fazer, sem que esse prejuízo se faça sentir grandemente, e sem que ele ateste não reflectir no próprio pessoal, que, segundo informações que tenho, já está sendo prejudicado, com licenças a metade do salário, corte nas horas extraordinares, etc, etc.

Será esta baixa de preços, filha das necessidades monetárias, ou de situações difíceis que a Companhia atravessa, como actualmente está atravessando toda a casa comercial e industrial? Teria a Companhia feito esta baixa precipitada, com o fim exclusivo de vender a sua existência de pregos fabricados e em armazéns? Seja como for, o que é certo, é que a situação criada aos industriais pequenos, vem afectar grandemente, os próprios interesses dos operários, pois que, actualmente, já há fábricas fechadas no país, e outras até, com o seu pessoal reduzido a metade. Não terá também o pessoal das restaurações fábricas, fóra do domínio da Companhia Previdente, direito a viver e a que o colhem também um pouco para os seus interesses?

E' justo que o vosso jornal, que é o orgão dos interesses do proletariado português em geral, gaste também uma meia dúzia de linhas (pelo menos) «em corpo», onde nelas se diga qualquer coisa de útil a bem dos seus interesses e dos suas companheiros e filhos? E' isto, meu caro amigo, o que por agora se me oferece dizer, e se dentro de tudo o que expoño, vir algum ponto digno de ser transscrito nas colunas do vosso jornal, e pelo qual o operariado pregueiro português, e a comissão nomeada para salvaguardar os seus interesses, possa aproveitar, peço-lhe que faça destas cartas o uso que entender e disponha do fraco préstimo.

Do amigo, etc. António M. Coelho

Tendo chegado à posse do Sindicato Único Metalúrgico um documento que um anônimo deixou na Federação Metalúrgica, e como tal documento é muito importante para melhor esclarecimento do assunto em questão, o mesmo Sindicato convoca a reunir amanhã, à hora da saída das fábricas, todos os camaradas que fazem parte da comissão nomeada para salvaguardar os seus interesses.

Sabe o meu amigo, como é a Comp. Prey, pretende aniquilar os industriais pequenos? da seguinte forma: Em Fevereiro do corrente ano, tinha a Comp. Prey, uma tabela em que o

A CURA DA SÍFIIS

A impotência dos remédios e drogas.
A acção depurativa dos frutos

EFICÁCIA DOS BANHOS DE SOLE E DE LUZ

A Avariose. — No séc. vinte poucos podem dizer-se indenes desse mal. Por fós ou por ne/s, sobretudo nas ciadas, poucas famílias deixam de estar contaminadas pelo horrendo mal da Sífiis. Há assim dívidas pessoas com o sangue liberto. Mais raras são. Mais

que assustam o portador. Pode mesmo haver quem, antes queira conservar a recordação malévolas por não ter a verdadeira energia para sofrer as crises curativas.

Quem assim fôr, é melhor não tentar a reforma do seu organismo. Continua com o seu velho uso de comer e beber à grande e sem norte. E a tomar as pilulas e os xaropes das boticas envenenadoras. E' melhor assim.

O Naturismo, mais uma vez é útil dizer-ló, é só para aqueles que querem saudade. E estão em estado de a conquistarem, realmente. Para os medroços e para os timidos, para os suplicados do fogo e para os que não querem saber, mais fácil é não mexer nos velhos hábitos a que se deram, da carne, do peixe, do vinho e do chá, do açúcar e do fumo do tabaco! Esvaçavos do Vício...

A sífiis é uma calamidade. Só a pode ter quem possue um sangue apto à inocular. Se o agente da doença vive no caldo de carne e morre no suco dos frutos!! Salve-se quem quiser.

Dr. Amílcar de SOUSA

A acção da luz. — A luz vai determinar o rigor das formas, a propriedade dos membros, a justa e exacta relação do esqueleto com as partes moles, a rijeza dos músculos, o nivelamento das salinidades anatómicas por um panículo gorduroso bem distribuído e assegurar ao corpo humano aquela perfeição plástica que caracteriza certos raças. Vivendo num banho de ar e de luz permanentes. A luz, embora em menor grau, exercerá sobre o homem um papel semelhante ao que desempenha nos organismos inferiores, aos quais determina a forma; do mesmo modo que fornece as energias de que carecem para o desenvolver de todos os fenômenos que constituem a Vida. Além daquela acção puramente física, há a acção psíquica a que ninguém se subtraí.

A necessidade de expôr o corpo humano à acção higiênica da luz e do ar tem sido demonstrada em numerosos trabalhos. Actualmente nenhuma discute os resultados benéficos dos banhos de sol e de luz.

Dr. Azevedo NEVES

(Cortes de 3 metros de esplêndidas casimiras)

Só nos depósitos os Donas da Covilhã, porque fabricam e vendem directamente, não só todos as qualidades de fachinhas, mas para fatos e vestidos em todos os padrões e cores por menos 50 a 60.

Depósito de vendas a retalho: EM LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187.º R. NO PORTO — Rua Fernandes Tomás, 892-A.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rosas, ócias e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E' a casa que fornece em melhores condições).

CASA NARCISO

Fabricante de bandeiras Especialidade em bandeiras artísticas

187-R. dos Fanqueiros-187

LIMAS

As melhores asas da União. Tomé Peiteiras. Venda directa. Pedir as lojas de ferragens. Rivalizam em preços e tempos.

MARCAS REGISTADAS para com as melhores inglesas.

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo, solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 18, junto ao aeroporto.

CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

O melhor refresco é a carapinhada de cacau

Á venda em todas as confeitorias e leitarias.

Funileiro

Precisa-se — Rua José Estevam, 28-32.

A. Lopes de Sousa — ABRANTES.

GREVE DE INQUILINOS

RAMON

Si usted tiene cara de inteligente y es un jóven muy guapo. Quantos años tiene usted... Treinta?

ANASTACIO

(Recuando a cadera) Ai! eu sou doido por frutas...

seria capaz de comer todas as maças do Paraíso e todas as frutas que por lá houvesse. E a senhora a senhora gusta?

RAMON

Alí yo soy loco, digo loca por toda cualidad de frutas: manzanas, peras, melocotones, cerezas ciruelas...

ANASTACIO

Como! Cérolas! Mas isso não é fruta!

RAMON

Si que lo es! Y que delicioso! No le gusta usted?

ANASTACIO

Sim, gosto, mas só para cobrir as pernas.

RAMON

Para cobrir las piernas... Que dice usted? Las piernas yo las cubro com los pantalones, digo con las enaguas, pero las ciruelas me las como. (Suspira, joga de scena).

ANASTACIO

Si que lo es! Y que delicioso! No le gusta usted?

RAMON

Então a senhora gosta de cérolas?

RAMON

Mi padre es terrible.

ANASTACIO

Credo!

CARTAZ

S. CARLOS. — A's 21,15 — «Carta. Anônima».

NACIONAL — A's 21,15 — «Viva Gomes».

POLITEAMA — A's 21,15 — «Bichinha gata».

APOLÓ — A's 21,15 — «A Morgadinha de Vaior».

EDEN TEATRO — Não há espetáculo.

MARIA VITORIA. — A's 20,30 e 21,30 — «A Morgadinha de Vaior».

COVILHÃ

24 de JULHO

Sélos pró-«A Batalha»

Teem sido afixados em todos os lugares que os mesmos se dividem os sélos que «A Batalha», editou, para a sua propaganda e que causou um enorme sucesso a primeira remessa.

Em toda a parte se distinguem os sélos, nos postos dos fiéis, nos candeeiros, nas paredes, nas montanhas dos estabelecimentos comerciais, etc.

Dentro das oficinas mais interessantes se torna a sua afixação, vendendo nas máquinas em que os operários trabalham, o que causa enorme entusiasmo por parte do operariado, coisa que não podem admitir os civilizados cívicos que se empregam horas esquedas a arrancar os dos sítios onde se encontram colocados, com a colaboração deses meninos-chicos (jovens católicos) que por vezes fazem rir, quando tentam arrancar os sélos e que não o podem fazer por terem bastante goma, e estarem bem colados.

Até os simples sélos prejudicam a ação desenvolvida hipocritamente pelos meninos chicos, os jovens tenentinhos...

Notícias

E' definitivamente na próxima semana que se fará a reprise no Nacional da famosa peça policial 20.000 Dólares cujo éxito foi há cerca de doze anos verdadeiramente formidável, tendo realizado uma época de verão completa de inverno, efectuando-se, no mesmo teatro, mais de duzentas representações. Estando já publicada a distribuição, da parte feminina, que peça vai seguir.

Jim Samson, Clemente Pinto; Dick Silves, Alegrein; Evans, Jorge Gravé; Fay, Luis Leitão; Handler, Augusto de Melo; Avery, Joaquim Costa; Bob Morgan, Matos Reis; Blichendorf, Joaquim Oliveira; Read, António Rodrigues; Chefes dos guarda, Humberto Amaral; O escrivário, Botelho do Amaral.

Os ensaios da peça «As Pupilas do Reitor», iniciados no Pórtico, prosseguem no Apolo, a começar no dia 1 de Agosto, de forma a conseguir-se que a Companhia Maria Matos-Mendes de Carvalho ali se estrelie na próxima semana.

A peça que em S. Carlos segue a «Carta anônima», é a Casa em Ordem, de brilhante repertório de Lucília Simões.

O próximo número da Ilustração Portuguesa deve publicar uma ampla informação gráfica e literária sobre a edificação do teatro do Gimnásio, cuja reconstrução prossegue activamente.

Reclames

Em São Carlos é hoje o 1.º domingo em que se representa a graciosa comédia «Carta anônima». E' pois, um espetáculo cheio de alegria e de humor, em São Carlos, que é o teatro mais confortável e barato da actualidade.

«A Viva Gomes» representa-se hoje no Nacional, pela última vez, no domingo. Ali não deve, pois, faltar quem quiser gozar um desopilante espetáculo, rindo a valer.

Sobe hoje, finalmente, à cena no Politeama, pela companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, de combinação com os empreários Macedo e Brilo e Luis Pereira, a admirável e forte peça Bernstein, tradução de Avelino de Almeida, «A Garra», que noutras épocas da mesma companhia, que naquele teatro faz agora a sua aparição, obteve um êxito sem dúvida extraordinário.

Hoje o Avenida Parque, à rua do Salitre, aberta às 15 horas, começando imediatamente a funcionar todas as suas artísticas e numerosas instalações, que o público poderá frequentar de tarde e à noite, gozando a agradável temperatura do forno e aprazível recinto e ouvindo esplêndido concerto de «Jazz-Band». A entrada no Parque é gratuita para as senhoras e crianças acompanhadas de cavalheiro.

— Os novos quadros «Maxixe de Amor», «Sopeira bolchevista» e a «Sardinha assada» estão fazendo furor todas as noites nas duas sessões do «Fado Corrido», em cena no teatro Maria Vitoria.

Laura Costa, Zulmira Miranda e Jorge Roldão são obrigados pelo público a bisar os deliciosos números de palpitante actualidade e extremamente chisquinhos.

— Despede-se hoje do público de Lisboa, no teatro Apolo, visto seguir para o Brasil no próximo dia 30 do corrente, a Companhia Palmira Bastos, representando pela última vez a peça de Pinheiro Chagas «A Morgadinha de Vaior». Esta Companhia segue a barco do Lutetia com destino ao Rio de Janeiro, seguindo no mesmo barco o empreário José Loureiro com o seu se-

— Não pode passar-se bem no teatro Avenida fazendo a delícias da sua encantadora revista «Bichinha

